

Ações de Formação c/despacho > Imprimir (id #96881)

Ficha da Acção

Designação Ser contador de histórias - um passo para a abordagem da matemática criativa

Região de Educação **Área de Formação** A ☐ B ☐ C ☒ D ☐

Classificação Formação Contínua **Modalidade** Oficina de Formação

Duração

Nº Total de horas presenciais conjuntas 25 Nº Total de horas de trabalho autónomo 25

Nº de Créditos 2

Calendarização

Entre 1 e 12 (meses)

Cód. Área C05 **Descrição** Didáticas Específicas (domínio científico específico),

Cód. Dest. 02 **Descrição** Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Dest. 50% 02 **Descrição** Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Nº de formandos por cada realização da acção

Mínimo 10 Máximo 20

Reg. de acreditação (ant.) CCPFC/ACC-83917/15

Formadores

Formadores com certificado de registo

B.I. 10408251 **Nome** JÚLIO DINIS PATRÍCIO ALVES BORGES **Reg. Acr.** CCPFC/RFO-26992/10

Componentes do programa Todas **Nº de horas** 25

Formadores sem certificado de registo

Anexo B

A preencher nas modalidades de Oficina, Estágio, Projecto e Círculo de Estudos

Razões justificativas da acção: Problema/Necessidade de formação identificado

Para aprender a ler, as crianças devem ver formas de empregar a leitura para ampliar os seus objetivos e interesses. Se a linguagem escrita tem significado para as crianças, elas aprenderão da mesma maneira que aprenderam a usar a linguagem falada. SMITH, Frank. Leitura significativa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed Sul Ltda, 1999.

A educação científica de base assume um papel fundamental na promoção da literacia científica, potenciando o desenvolvimento de competências necessárias ao exercício de uma cidadania interveniente e informada e à inserção numa vida profissional qualificada. Entre os factores que contribuem de forma decisiva para o desenvolvimento destas competências, salienta-se a importância de iniciar nos primeiros anos de escolaridade o ensino das ciências de base experimental, de forma a estimular a curiosidade e o interesse das crianças pela ciência, bem como proporcionar aprendizagens próprias deste nível etário (Diário da República, 2ª série — Nº 29 — 9 de fevereiro de 2007). Por outro lado, o Plano Nacional de Leitura deverá estimular iniciativas que abranjam a população, desde a primeira infância até à idade adulta. Os projetos de leitura devem rejeitar tentações de modelo único. Exigem uma atitude aberta, flexível onde caibam múltiplos percursos, os percursos que a diversidade humana aconselha a respeitar, criando um ambiente social favorável à leitura, inventariando e valorizando práticas pedagógicas e outras actividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos. (In <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlv/apresentacao.php?idDoc=4>)

Os psicólogos actuais pensam que as narrações desempenham valiosos papéis na construção da personalidade e do pensamento. Mesmo que as pessoas se reconheçam como racionais, existem aspetos emocionais e inconscientes implicados nas suas decisões. Acresce o facto de, ao contar histórias, se utilizar um foco de percepção fantástica para a criação de um estado psíquico em que a mente não está concentrada em uma realidade concreta. A nossa percepção consciente fica amalgamada, sempre, com emoções internas e analógicas, memórias inconscientes e percepções sociais da cultura envolvente, de modo que o simbólico é uma forma subjectiva da sua organização. Zamith-Cruz, Judite; psicologia cognitivo-narrativa do perspectivismo ao significado em contexto; Universidade do Minho (in

http://jcienciascognitivas.home.sapo.pt/07-12_zamith.html

Acreditamos, como Luria (1996, p. 22), que leitura é imprescindível para a apropriação dos conceitos matemáticos, visto que a linguagem consiste em um instrumento fundamental de acesso à cultura e de constituição do sujeito como ser histórico-social. [...] a linguagem transformou-se em instrumento decisivo do conhecimento humano, graças ao qual o homem pode superar os limites da experiência sensorial, individualizar as características dos fenómenos, formular determinadas generalizações ou categorias. Pode-se dizer que, sem o trabalho e a linguagem, no homem não se teria formado o pensamento abstrato 'categorial'. (in <http://www.fe.unicamp.br/revistas>).

A definição de literacia matemática no PISA é consistente com a teoria sobre a estrutura e o uso da língua, refletida em estudos socioculturais recentes sobre literacia. Na obra de James Lee, Preamble to a Literacy Program, de 1998, o termo «literacia» refere o uso humano da linguagem. A capacidade de ler, escrever, ouvir e falar uma língua é o instrumento mais importante na mediação de qualquer atividade social humana. De facto, cada linguagem tem uma conceção intrínseca que está ligada, de forma complexa, a uma variedade de funções e de situações de uso. Para que uma pessoa seja letrada numa língua é necessário que a pessoa conheça muitos dos recursos da língua e que seja capaz de os utilizar em funções e situações sociais muito diversas. (Pisa 2003, programme for international student assessment, organização para a cooperação e desenvolvimento económico conceitos fundamentais em jogo na avaliação de Literacia Matemática, maio 2004).

Tendo em conta que a leitura é uma atividade agregadora de conhecimentos, promotora de experiências e criadora de suscetibilidades e opiniões, a sua disseminação pelas diferentes disciplinas do currículo, mais concretamente pela matemática, completa a atividade letiva de forma mais interdisciplinar e abrangente, cumprindo os objetivos do Plano Nacional de Leitura. Por outro lado, a necessidade de promover a interligação entre as diferentes disciplinas/áreas do Currículo Nacional do Ensino Básico, em especial aquelas que anualmente são sujeitas a uma avaliação externa (português e matemática) e a imperiosa mudança de paradigmas e metodologias de abordagem à introdução, aprofundamento e consolidação de conteúdos, descritores e metas no âmbito da matemática tornam esta relação atual, indispensável e promotora de conhecimento em simultâneo com uma criação e consolidação do processo cognitivo e formação da identidade.

Contar histórias exige uma capacidade de abstração e incorporação da mensagem e personalidades das diversas personagens, a qual choca e é bloqueada pelos comportamentos sociais enraizados ao longo de décadas e séculos. A disponibilidade para sair do nosso 'eu' social, consciente e formatado e assumir outras posturas/atitude próprias de contos, fábulas, textos, mais ou menos atuais, apenas se consegue com estratégias e abordagens mais ou menos integradas em disciplinas como a expressão dramática, física, musical.

Pretende-se com esta oficina associar e caminhar em paralelo com duas áreas tão divergentes como a fantasia da literatura e a objetividade da matemática.

Efeitos a produzir: Mudança de práticas, procedimentos ou materiais didáticos

A oficina consiste numa abordagem da matemática, em contexto de sala de aula, a partir de obras literárias, inscritas nas listas de leitura orientada do Plano Nacional de Leitura, ou obras não constantes destas listas, mas que na opinião dos intervenientes promovam os princípios básicos da ação e pretende-se levar os formandos a:

- construir uma visão lúdica da matemática;
- adquirir hábitos de trabalho conjunto nas disciplinas de português e matemática;
- reconhecer a interdisciplinaridade do português e da matemática, como bases importantíssimas para a formação pessoal, académica e social dos alunos;
- praticar, aperfeiçoando, a leitura através do processo de contar histórias;
- aprofundar o conhecimento de uma obra e da sua aplicabilidade em diferentes contextos do quotidiano matemático, através da compreensão da sua mensagem principal ou mensagens arborizadas a partir do seu contexto didático, histórico, social, imaginário.
- encarar a matemática como uma disciplina capaz de se recriar a partir de elementos do quotidiano e de situações fantasiosas e lúdicas;
- tomar o aluno ponto de partida da sua aprendizagem, sendo o próprio a criar, recriar, construir elementos facilitadores da compreensão da matemática, sob orientação do docente, reinventando jogos, tarefas e problemas (na sala de aula), atividades que serão partilhadas, debatidas e, eventualmente, melhoradas em contexto de formação.
- assumir a matemática como uma ciência criativa, cujos intervenientes (professores, alunos, encarregados de educação) são peças fundamentais na engrenagem que possibilita esta evolução/criação.

Conteúdos da acção

A ação, em modalidade de oficina de formação, promoverá a interdisciplinaridade de temáticas tão em foco como a Educação Literária e a Matemática. Dar-se-á, também, possibilidade à aproximação de conteúdos específicos das disciplinas de português às diversas vertentes da matemática, de modo a desenvolver competências para contar histórias na sua vertente mais artística e conceptual.

- Apresentação do projeto e obras propostas;
- princípios e estratégias de 'Ser contador de histórias'.
- interpretação oral e escrita de enunciados científicos.
- Trabalhar as obras literárias, em articulação com os programas nacionais de Português e de Matemática, do 1º ciclo, gisando tarefas, debatendo estratégias de trabalho, criando jogos e problemas matemáticos.
- Problematicar as possíveis abordagens interdisciplinares
- Momentos de criação, adaptação e elaboração de tarefas lúdicas matemáticas a partir das abordagens do (a) contador(a) de histórias.

Metodologias de realização da acção

As metodologias a utilizar serão essencialmente ativas, de fundamentação construtivista, assente no chamado modelo "aproximativo" (Parra e Saiz, 1996) que é centrado na construção do saber pelo formando, a partir de modelos e de conceções existentes colocando-as à prova para melhorá-las, modificá-las ou construir novas. Valorizaremos a aprendizagem experiencial, a aprendizagem transformativa, a

aprendizagem colaborativa e a aprendizagem autodirigida, respeitando os princípios andragógicos, por considerarmos serem bons enfoques para a formação de adultos.
Será valorizada a aplicação dos conteúdos e metodologias da ação em contexto de sala de aula, havendo um hiato temporal entre sessões para possibilidade de aplicabilidade de tarefas e estratégias por parte dos formandos com os seus alunos, para reflexão posterior.
Os diferentes conteúdos da ação serão trabalhados/abordados de forma intercalada e não separados por sessões independentes. Pretende-se uma abordagem por obras e temáticas e não uma abordagem segmentada dos diversos objetivos da ação.
A avaliação será realizada em grelhas de análise e avaliação de participação dos formandos.
Utilizaremos estratégias como:

Em contexto de formação: (numa 1ª fase)

- o Exposição/debate;
- o Trabalhos de grupo;
- o Simulações;
- o Manipulação de materiais estruturados e não estruturados.

2ª Fase:

- o Construção de materiais a aplicar em contexto de sala de aula.

3ª Fase:

- o Debates sobre trabalho autónomo e resultados obtidos;
- o Reflexão sobre a evolução subsequente à aplicação das metodologias e cumprimento dos objetivos próprios da ação;
- o Partilha e (re)construção de materiais, com vista a novas aplicações.

Regime de avaliação dos formandos

Nos termos do artigo 13.º do Regime Jurídico de Formação Contínua, com a redação dada pelo artigo 4.º do Decreto-lei n.º 15/2007 de 19 janeiro (Alteração ao Regime Jurídico de Formação Contínua), a avaliação dos formandos terá de ser quantitativa. Esta é expressa na escala de 1 a 10, deverá respeitar o referencial da escala de avaliação prevista no nº2 do artigo 46º do Estatuto da Carreira Docente, aprovado pelo D.L. nº15/2007, de 19 de janeiro, de acordo com a Carta Circular do CCPFC – 3/2007 de set. 2007, sendo atribuída com base nos indicadores abaixo apresentados e respetiva ponderação:

. Participação/Realização das Tarefas nas Sessões/Assiduidade/Pontualidade 25%

Obs: As faltas dos participantes são limitadas a um terço das horas presenciais de formação

. Produção de Trabalhos e/ou Materiais/Aplicação em contexto escolar 60%

. Reflexão crítica 15%

Forma de avaliação da acção

- Ficha de avaliação da ação;
- Relatório de reflexão crítica dos formandos;
- Relatório do formador;
- Relatório do consultor.

Bibliografia fundamental

Bivar, António; Grosso, Carlos; Oliveira, Filipe; Timóteo, Maria Clementina (2013). Metas Curriculares de Matemática - Ensino Básico: Ministério da Educação e Ciência.
Buescu, Helena C.; Morais, José; Rocha, Maria Regina; Magalhães, Violante F. (2012). Metas Curriculares de Português - Ensino Básico: Ministério da Educação e Ciência.
Abrantes, P.; Serrazina, L.; e Oliveira, I. (1999). A Matemática na Educação Básica. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica.
Departamento da Educação Básica (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação.
Lopes, A. V.; Bernardes, A.; Loureiro, C.; Varandas, J. M.; Oliveira, M. J.; Delgado, M. J.; Bastos, R. e Graça, T. (2005). Actividades Matemáticas na sala de aula. Lisboa: Texto Editores.
Giordano, Alessandra; A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas - Instituto Sedes Sapientiae; <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>

Consultor de Formação

B.I. Nome

Especialista de Formação

B.I. 3609459 Nome Jorge do Nascimento Pereira da Silva

Processo

Data de receção 14-11-2016 Nº processo 95207 Registo de acreditação CCPFC/ACC-88661/16

Data do despacho 14-11-2016 Nº ofício 6849 Data de validade 14-11-2019

Estado do Processo C/ Despacho - Acreditado